Preços internos ainda baixos

Não resta dúvida de que, neste ano, o produtor de milho está conseguindo repor as perdas registradas em 1995 por conta da oferta recorde do cereal. De fato, entre janeiro e maio últimos, o preço médio de R$7,22/60kg ao produtor paranaense foi praticamente 23% maior em termos reais do que o de um ano antes.

Por outro lado, quando confrontada com a média dos cinco primeiros meses de 1994, esta diferença torna-se negativa em 5,5%. Ou seja, a propalada recuperação recente da renda do produtor de milho empalidece quando comparada aos preços registrados em um ano-safra normal — no caso, a temporada 1993/94, cuja primeira safra foi de 30,2 milhões de toneladas.

Pode-se dizer, portanto, que uma análise honesta do atual patamar de remuneração dos agricultores não comporta a aura de sensacionalismo que alguns veículos de informação teimam em apresentar, referindo-se aos recentes aumentos dos preços do milho. Além do mais, uma análise macro desse mercado revela que, apesar de estar ocorrendo uma verdadeira explosão nos preços internacionais do produto, não se observam reflexos internos desse movimento, contrariamente ao que se poderia esperar. Se não, vejamos.

De janeiro a maio últimos, o preço do milho registrado na Bolsa de Chicago ficou em US$4,15/bushel, valor 70 e 47% maior, respectivamente, do que as médias dos mesmos períodos em 1995 e em 1994. Enquanto isso, na análise mês a mês desde janeiro último, observa-se que o avanço acumulado de 20% nas cotações do milho na bolsa norte-americana foi muito próximo dos 23% verificados no caso do produto do Paraná.

Confrontando os preços do milho naquela bolsa com os preços pagos ao produtor paranaense, para os cinco primeiros meses de 1994, 1995 e 1996, observa-se que a relação entre ambos decresce paulatinamente, de 1,15, para 1,02 e para 0,74. Ou seja, embora os aumentos no preço interno do grão venham, desde o início do ano, igualando os avanços registrados por seu congênere nos EUA, isso ainda não foi suficiente para que se alcançasse — ou se ultrapassasse — a paridade entre ambos.

Tendo em vista ainda que tal paridade só chegou a existir em uma época de oferta recorde no Brasil — o início do ano passado — parece inevitável a conclusão de que é preciso dissociar esses dois mercados. A semelhança entre os aumentos de cotação do começo do atual exercício, menos que uma conseqüência, parece ter sido apenas uma coincidência.

Milho — diversos indicadores

Período	Preços médios reais* recebidos pelos produtores no Paraná em R$/kg (A)	Preços médios registrados na Bolsa de Chicago em US$/bushel (B)
Jan./maio 1994	7,64/60	2,82 (6,66/60kg)
Jan./maio 1995	5,88/60	2,44 (5,77/60kg)
Jan./maio 1996	7,22/60	4,15 (9,80/60kg)
Jan. 1996	6,71/60	3,62
Fev.	6,66/60	3,74
Mar.	6,65/60	3,90
Abr.	7,69/60	4,54
Maio	8,39/60	4,94

Fontes: FGV/CEA, Conab, Bolsa de Chicago.
* Deflacionados pelo IGP-DI (FGV) para abril de 1996; os dados de maio de 1996 são nominais e dizem respeito apenas à primeira quinzena do mês.

pelos chineses. *Além do mais, embora essa quantidade tenha sido 150% maior do que as vendas realizadas em 1994, ela equivaleu a praticamente metade do que fora vendido em 1993.*

O consumidor chinês se destaca por preferências muito distintas daquelas típicas no mundo ocidental. Por exemplo, a carne escura da ave é preferida à carne branca, assim como o frango fresco ao congelado. Além do mais, asas, miúdos, pés, pescoços e cabeças das aves são muito apreciados por essa população, assim como a carne de pombo.

Isso explica por que a corrida pelo abastecimento de carne avícola aos chineses está sendo gradativamente ganha pelos EUA. Afinal, o grande volume de carne escura e de partes menos *nobres* para os gostos ocidentais produzida internamente, mas desdenhada pelos norte-americanos, é ideal para a China. Não é para menos que, entre 1990 e 1994, a participação do produto norte-americano sobre o total adquirido pelos chineses saltou de 45% para 73%.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

Mais soja e menos milho nos EUA

Persiste a configuração de weather market *nos EUA. O Departamento de Agricultura daquele país, em seu relatório de junho, apresentou informações relevantes para a sojicultura. Em primeiro lugar, aumenta a área da soja este ano e cai a do milho. Em segundo, os rendimentos da soja não serão tão bons quanto se supunha.*

O novo relatório do US Department of Agriculture — USDA —, divulgado em 12 de junho, promoveu poucas alterações no balanço mundial de oferta e demanda da soja. Exerceu efeito positivo sobre o mercado a ligeira redução da produção mundial, de 123,81 milhões para 123,67 milhões de toneladas. Os estoques finais mundiais, porém, aumentaram, nessa estimativa, de 16,89 milhões para 16,99 milhões de toneladas, ou 200 mil toneladas a mais do que a previsão anterior.

No que se refere à produção, a única alteração significativa foi a efetuada justamente na safra brasi-

Soja em grão — oferta e demanda no mundo
1995/96 — em mil t

Região	Estoque inicial	Produção	Importação	Esmagamento	Exportação	Estoque final
Mundo						
Maio	23,29	123,81	31,73	130,23	31,71	16,89
Junho	23,22	123,67	31,91	130,13	31,68	16,99
EUA						
Maio	9,11	58,56	0,14	40,19	22,45	5,17
Junho	9,11	58,56	0,14	40,05	22,45	5,17
Brasil						
Maio	6,88	23,00	0,50	21,98	3,40	5,00
Junho	6,90	23,20	0,60	22,45	3,20	5,05
Argentina						
Maio	4,79	12,60	0,00	10,18	2,80	4,41
Junho	4,79	12,60	0,00	10,18	2,80	4,41
UE-15						
Maio	0,77	0,96	14,42	15,18	0,33	0,63
Junho	0,77	0,96	14,42	15,18	0,33	0,63
Japão						
Maio	0,62	0,12	4,80	4,98	0,00	0,56
Junho	0,62	0,12	4,80	4,98	0,00	0,56

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA, 12-6-1996.

leira, que passou a ser calculada em 23,20 milhões de toneladas.

Para a safra de 1996/97, o USDA projetou a produção total dos EUA em 62,86 milhões de toneladas, 1,5% acima do relatório de maio e 7,3% maior do que a safra do ano anterior. A produção total de oleaginosas do país ficou calculada em 73,2 milhões de toneladas, 1 milhão superior ao que se apresentou em maio e 4,8 milhões maior do que o produzido no ano passado. O destaque do crescimento é para a soja (952,7 mil toneladas).

A área plantada da sojicultura norte-americana foi ampliada, chegando aos 259 milhões de hectares. A ampliação se deveu à desistência do plantio do milho na faixa oriental do chamado "cinturão do milho", em razão do clima úmido em maio e início de junho. A soja crescerá 2,4%, mesmo percentual do decréscimo do milho.

O rendimento físico das lavouras teve de ser rebaixado, em função do atraso nas operações de semeadura. É possível que ainda venha a ser corrigido para baixo, pois empresas privadas estão trabalhando com números inferiores aos do USDA, na faixa de produção de 60 milhões de toneladas. A produtividade média foi estimada, pelo departamento, em 2.400kg/ha, reconhecendo pela primeira vez que a safra enfrenta problemas.

O plantio do milho, porém, foi o que mais atrasou, em importantes zonas de produção. Havia ainda a expectativa de que os ganhos com a produção dos milharais (calculada em 231,77 milhões de toneladas, 23,7% acima da de 1995/96) seriam promissores e inibiriam a troca pela soja. Dados do USDA e das indústrias do setor davam conta de que, em fins de maio, apenas 72% do milho de Indiana tinham sido plantados. No sul de Illinois, o plantio atingira apenas entre 5 e 10% e, em Ohio, 14%. Estranhamente, contudo, manteve-se a estimativa de rendimento físico do milho em 7.900kg/ha, o que vem sendo considerado, no mínimo, otimismo excessivo, pois o período ideal de plantio acabou em 10 de junho.

Há que registrar que a soja também segue atrasada. Nos estados de Indiana e Illinois, que detêm, juntos, quase 30% do plantio de soja e milho, conseguiram-

BIBLIOTECA KARL ... OEDECKER

se plantar 45 e 56% da área, para um desempenho considerado normal de mais de 90% nessa época. No cômputo geral, porém, a situação é semelhante à ocorrida no mesmo período de 1995 (haviam sido plantados 73% da área e, agora, são 72%).

Até a divulgação do relatório (12 de junho), as opiniões dos analistas norte-americanos eram majoritariamente contrárias à visão de cessão de áreas para soja. Parece ter pesado, entre os agricultores, o raciocínio de que o risco do clima quente, em meados do verão do hemisfério norte, era muito elevado, podendo afetar de maneira negativa a fertilidade do solo e a polinização das plantações. Poderiam ser adotados híbridos de ciclo curto, ou a troca pela própria soja ou pelo sorgo. Apontou-se, também contra a opção pela soja, o fato de muitos produtores terem estocado fertilizantes nitrogenados impróprios para a leguminosa.

O sorgo também se beneficiou, em termos de área, com a ocupação de terras cedidas pelo trigo, igualmente por problemas climáticos.

No Brasil, segundo o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura do Paraná, é possível que se esteja delineando um quadro bem diferente para o plantio da próxima safra de verão, pois produtores rurais têm manifestado maior interesse em expandir o cultivo do milho, em detrimento da soja. Atualmente, as cotações internas têm-se retraído, apresentando, em Ponta Grossa, diminuição de R$1,00/saca de 60kg no período de um mês. De fato, a cotação da soja naquela região, em 17 de junho, foi de R$13,09/60kg, tendo sido já comercializados 75% da safra.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

TRIGO

Influência do clima

As cotações internacionais cederam, em função de relatórios favoráveis sobre o clima nos EUA e da diminuição do movimento das exportações norte-americanas; mas a tendência predominante continua altista, e se fará presente a qualquer pressão da demanda, pois a relação mundial estoques/consumo permanece apertada.

A estimativa da Conab de que a safra de inverno deste ano, que engloba trigo, aveia, cevada, centeio, triticale e feijão irrigado, totalizaria 3,3 milhões de toneladas, dos quais 2,6 milhões de trigo, começa a ficar prejudicada. Pelo menos no que diz respeito justamente à principal lavoura da época. A situação do plantio gaúcho, até meados de junho, por exemplo, continuava muito incerta. Permanecia a seca que assola amplas regiões do estado há semanas, caracterizando um período de outono/inverno atípico, quente e sem chuvas.

A Fecotrigo acredita que, dos 3 milhões de hectares que os agricultores gaúchos poderiam dedicar às safras de inverno, aproximadamente 2 milhões ficarão ocupados com pastagens. Fora o trigo, que tem sua área estimada pela entidade ao redor de 600 mil hectares, sobrarão 400 mil hectares a cobrir, principalmente com centeio, triticale e canola (colza). A Emater-RS estima a área da triticultura entre 550 mil e 600 mil hectares, e o IBGE estima 499 mil hectares.

Além do atraso, iniciaram-se ataques de pulgões contra as primeiras plantações e, segundo o CNP-Trigo, da Embrapa de Passo Fundo, apenas no início de julho seria possível ter melhor definição quanto à safra. Um outro problema a ser considerado é a grande quantidade de sementes vendida ao Paraná, desfalcando a oferta interna gaúcha.

No Paraná, a situação é bem diferente, pois realmente está aumentando o cultivo. Faltam sementes, apesar de ter havido a importação do Rio Grande do Sul. De acordo com o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura, o estado, caso houvesse maior disponibilidade de sementes, poderia estar plantando algo em torno de 1,3 milhão de hectares. No entanto, com esse fator limitante, espera-se que a área cultivada alcance 970 mil hectares, dos quais já estavam plantados 82% até o dia 10 de junho. A produção paranaense vem sendo estimada entre 1,76 milhão e 1,97 milhão de toneladas. No norte do estado, a área foi totalmente semeada, havendo atraso no oeste (cultivados 80% da área). O centro-sul paranaense, que dedica menor espaço à triticultura, só plantou, até a última semana de junho, pouco mais de 30% da extensão esperada.

A lavoura de inverno mais associada ao trigo, o triticale, tem estimativa de plantio de 48 mil hectares, dos quais cerca de 58% foram semeados até 10 de junho.

O mercado interno do trigo tem registrado preços nominais de até R$300/t, mas não há produto para ser comercializado. A safra nova vem sendo cotada entre R$230 e R$240/t para o último trimestre do ano. Nas últimas semanas, tem-se verificado estabilidade nos preços internos e, no exterior, ocorreram quedas, em função dos relatórios do Departamento de Agricultura dos EUA.

Houve, em maio, intensa liquidação de posições em Chicago, à medida que se divulgavam informações de clima favorável ao encerramento do plantio